

Entre a Política e a Religião: fazendo rádio em uma cidade do sul da Bahia

Silvia Garcia Nogueira*

Resumo

Em Sobrado, sul da Bahia, a maioria das emissoras tem como principal anunciante a prefeitura. Os radialistas ao mesmo tempo que se queixam desse quadro, segundo eles pela “falta de liberdade”, também reconhecem que sem ela as empresas teriam acabado. Paralelamente ao poder municipal junto às rádios, a Igreja Universal do Reino de Deus é dona de duas das cinco emissoras, definindo com rigor toda a sua programação, baseada em valores e interesses político-religiosos. Tal configuração do universo radiofônico local faz com que os radialistas percebam os limites do exercício profissional, nas palavras de um deles, “entre a política e a religião”. Desse modo, o artigo procura mostrar, pela análise de três casos empíricos, que o exercício profissional no município só é possível pelo pertencimento a uma rede de relações pessoais religiosa ou a uma rede política.

Palavras-chave

rádio - política - religião - interior

*Jornalista formada pela PUC-RJ, mestre em Antropologia Social e doutoranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1 O nome do município estudado foi substituído por um fictício com o objetivo de preservar as identidades das instituições e dos indivíduos que aparecem na análise.

2 Dom aqui entendido em seu sentido maussiano, ou seja, corresponde tanto a bens materiais como aqueles imateriais: gentilezas, favores, etc. (MAUSS 1974).

3 No ar é uma expressão profissional que indica que o que é dito está sendo transmitido para o público ouvinte.

4 Sobre o tema, ver GOMES 1991; HACKET 1993; LAGE 1979; MARCONDES FILHO 1986; RORTY 1985; SHUDSON 1978 e TUCHMAN 1993.

5 Obviamente os radialistas respeitam os limites, ou constrangimentos (CHAMPAGNE 1984), inerentes ao próprio meio e à atividade profissional. Eles não são sentidos, porém, como algo que fere a liberdade. Antes, são entendidos como uma marcação de fronteiras do que é ser radialista e trabalhar como radialista.

Introdução

As emissoras de rádio em Sobrado¹ (sul da Bahia) possuem alto grau de inserção na vida social local, permeando relações de naturezas diversas que se estabelecem entre distintos interlocutores. Por meio das rádios se obtêm empregos, cestas básicas, passagens de ônibus, namorados, amigos/inimigos, favores, reconhecimento público, informações, fantasias, alentos para os dramas do cotidiano, palavras de apoio, expectativas. Na oferta ou procura desses dons² encontra-se moradores da cidade e da área rural, de zonas mais e menos abastadas, mulheres, homens e crianças, jovens e idosos, profissionais de vários ofícios e desempregados. Entre todos, os radialistas. Longe de desempenharem papel passivo nesse processo em que as relações são por vezes pontuais, embora geralmente duradouras, participam ativamente de seu estabelecimento e sua manutenção, tomando posição frente às questões que surgem durante o exercício de sua profissão, no ar³ ou fora dele.

Sendo assim, a questão clássica de discussão entre os estudiosos dos meios de comunicação, ou mesmo no campo da Antropologia, acerca da neutralidade e da imparcialidade profissional⁴ é colocada pelos próprios nativos, geralmente sob a forma de situações vividas como falta de liberdade. Os radialistas costumam perceber

os limites dessa liberdade⁵ sendo estabelecidos pelo que eles chamam de política, de um lado, e pelo que eles denominam religião, de outro. Por liberdade os radialistas entendem falar no ar o que quiserem e ter condições de trabalho que permitam a eles fazer os programas do modo como têm vontade, e não de acordo com regras ditadas por políticos locais ou pela orientação religiosa estabelecida pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), dona de duas emissoras no município. No dizer de um deles, “fazer rádio em Sobrado, mas não só em Sobrado, no interior, é se dividir entre a política e a religião”.

Este trabalho pretende, portanto, iniciar uma discussão sobre um dos aspectos do modo como se faz rádio em Sobrado, adotando uma perspectiva que tem como centro os radialistas em sua atividade profissional e a interação deles com outras esferas da vida social – no caso, a política (o meio político local) e a religião (a IURD). Tal abordagem permite perceber a atividade de radialista vivenciada como um jogo de representações (Goffman 1975) no qual o pertencimento às várias redes de relações pessoais locais é uma questão de sobrevivência profissional. Desse modo, serão analisados aqui três eventos ocorridos durante a pesquisa de campo realizada entre julho e dezembro de 2000 e fevereiro e julho de 2002. A obtenção das informações ocorreu por meio de entrevistas formais e informais com profissionais do rádio

e pessoas ligadas a esse universo local, e observação direta participante.

Sobrado e as emissoras de rádio

Em Sobrado percebe-se o quanto o rádio parece ser o meio de comunicação por excelência do município⁶. Em algumas ruas principais da cidade, no terminal de ônibus urbano, dentro das casas, nos táxis, quase sempre é possível ouvir, de perto ou de longe, o som de algum aparelho ligado. O rádio também está presente nas conversas das pessoas que comentam sobre um ladrão que foi preso ou o local de distribuição de cesta-básica, assuntos que foram ao ar em alguma emissora.

Com uma população de mais de 200 mil habitantes (CENSO 2000), o município conta atualmente com cinco emissoras, sendo duas operando em frequência FM e três em AM. Situando-as em um contexto sócio-político, duas pertencem à IURD (uma AM e uma FM), uma (AM) é considerada por ouvintes e funcionários como a rádio do prefeito⁷, a FM líder de audiência pertence a um empresário que apóia um adversário do atual grupo político no poder e, por fim, uma AM - que já pertenceu à rede de comunicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia - atualmente está nas mãos de um radialista da antiga emissora em sociedade com um político de expressão estadual⁸.

Em relação à programação, as pertencentes ao grupo religioso privilegiam os programas dou-

trinários: a FM retransmite toda a programação nacional gerada no Rio de Janeiro via satélite pela rede de comunicação nacional da Igreja e a AM alterna produções locais comandadas por pastores com as nacionais. Em certos horários, porém, a AM abre espaço para programas de variedades que incluem participação dos ouvintes, música, pesquisas de opinião, dicas de saúde e beleza, fofocas e outros temas da atualidade. No comando desses programas estão profissionais laicos com reconhecimento público de grande audiência local. Programas de esporte e policial também são contemplados com atenção especial. De modo geral são os que possuem repórteres⁹.

Com exceção dos horários religiosos no caso da pertencente à igreja, pode-se dizer que as programações das emissoras AM em Sobrado são muito parecidas, tanto do ponto de vista dos temas abordados - mas não necessariamente das abordagens - quanto da divisão da programação por gênero de programa. Pode-se afirmar, nesse sentido, que as rádios seguem uma tendência geral de especialização, fenômeno já apontado por Ortriwano (1985:28-29).

Segundo a autora, isso ocorre seguindo duas correntes: a das emissoras que se especializam, como um todo, em oferecer programação para uma faixa determinada de público, dando opção aos anunciantes cujos produtos possam interessar aquele segmento; e as emissoras especializando diferentes horários de sua programação

6 Longe de ser uma característica particular de Sobrado, como aponta Moreira (2002), o rádio está presente em 98% dos lares brasileiros.

7 Mesmo não pertencendo a ele, é assim que todos se referem à essa emissora, dado o grau de identificação e proximidade do dono com o grupo político atualmente na administração municipal. Cabe dizer que o dono da rádio já foi secretário do atual prefeito em um mandato anterior.

8 Como é de praxe nos estudos antropológicos, a identidade das emissoras e dos informantes estará preservada. Toda vez que este trabalho fizer referência às emissoras da igreja evangélica, aparecerá "FM religiosa" e "AM religiosa"; quando a referência for à rádio mais identificada com o grupo político do prefeito, será a emissora "do prefeito" e a que tem por sócio um radialista será a "do radialista". Por fim, sempre que aparecer "FM líder" corresponderá à emissora que é considerada líder de audiência no município.

9 Em quase todos os programas locais de gênero jornalístico, as principais fontes de informações são os diários de Sobrado e do município vizinho, a Internet, os boletins de notícias da prefeitura e da Câmara de Vereadores e revistas de circulação nacional. Os programas policiais são os que costumam contar com repórteres colhendo informações na rua, nas delegacias de polícia e nos hospitais.

10 Os radialistas das AMs costumam se queixar do comércio local que não anuncia em rádio, optando pela imprensa escrita ou pela FM líder. É com base nesse argumento que justificam suas relações pessoais ou institucionais com a prefeitura.

para diferentes faixas, visando atingir o maior público possível, oferecendo opções para todo tipo de anunciante.

Em Sobrado, as emissoras religiosas poderiam ser enquadradas duplamente, tanto pelo viés da especialização de horários quanto pelo de um público relativamente homogêneo. Já as demais, as AMs e a FM, tendem a especializar seu horário de acordo com representações de quem são os ouvintes de cada faixa da programação. Assim, os horários entre 4 e 7 horas são direcionados ao público rural, o horário entre 9h e meio-dia é de variedades, e a programação de final de semana tem menos informação e mais música. A adequação ao suposto público ouvinte, no entanto, não se resume aos conteúdos veiculados. Diz respeito ainda à linguagem utilizada pelos locutores ao se dirigirem aos que os escutam. Tudo para que os ouvintes se identifiquem com a rádio.

Na origem dessa segmentação de públicos e programação está a atração para a emissora de anunciantes, responsáveis pela manutenção das empresas de rádio. Isso significa que ao arrebatar o máximo de ouvintes as emissoras pretendem atrair anunciantes que se identifiquem com o público que ouve aquela faixa de horário.

“Muitas [rádios] optam por um comunicador que reze, dê o horóscopo do dia, apele para o emocional para conseguir grandes índices quantitativos de ouvintes e assim melhorar o faturamento. (...) A

fraqueza empresarial torna o veículo vulnerável às pressões econômicas e políticas” (BARBEIRO 1994:10)

Quando o principal anunciante local é a prefeitura¹⁰, de um lado, ou, de outro, o grupo religioso controla duas emissoras, os agentes envolvidos nisso que eles classificam como meio de rádio percebem que, nesse contexto, as pressões de ordem econômica são também de ordem política. É essa situação que leva um antigo radialista a dizer que a liberdade de expressão [no rádio] passa pela tesouraria.

Já sob o ângulo dos atores sociais que utilizam o rádio como um meio de transmissão de conteúdos de interesses de cada um – no caso, da prefeitura e da IURD -, o que está em jogo é o commitment (Becker e Strauss 1970) ou o grau de adesão do maior número de indivíduos-ouvintes a seus respectivos valores, idéias e práticas sociais, que compõem determinadas redes de relações sociais. Concretamente, isso pode se refletir no desejo de aumentar o número de conversões àquela igreja ou a quantidade de votos nas próximas eleições.

Dessa diferença de perspectivas sobre a relação anunciante-rádio-ouvinte, o que se observa é que enquanto para os radialistas ter anunciantes comerciais significa a possibilidade de alcançar a representação nativa do que seja liberdade de expressão, sob a ótica dos principais

responsáveis pela manutenção financeira das emissoras, exercer essa função mantenedora significa poder ter acesso a um grupo de pessoas potencialmente passíveis de serem trazidas, ou mantidas, para o nosso lado. A tentativa de controle do que é veiculado nas emissoras torna-se, desse modo, uma estratégia importante para o alcance desses objetivos.

Emissoras e Política

A imprensa de Sobrado sempre teve sua história atrelada à vida política local. No caso das rádios, o poder municipal há mais de uma década participa diretamente da programação das emissoras por meio de compra de horários, inserções comerciais ao longo da programação, empréstimos de funcionários às emissoras, remunerações extras a alguns radialistas, pagamentos de contas públicas (telefone e luz) ou doação de material (fitas, canetas). Particularmente no que diz respeito ao atual grupo político no poder - o prefeito está em seu terceiro mandato, sendo que nas últimas eleições (2000) foi reeleito -, existe uma idéia local compartilhada por radialistas e políticos de que as relações com as emissoras de rádio fazem parte de uma estratégia de ação importante, sendo percebida como o que Barbeiro (1994:9) classifica de “uma forma de perpetuação política”¹¹.

Segundo os profissionais da área, em Sobrado

quem manda nos meios de comunicação é o assessor de imprensa da prefeitura. Essa representação de poder é claramente percebida no depoimento de um radialista que teve todas as portas fechadas ao procurar emprego depois de uma briga com o dono da rádio, e no que aconteceu com o programa de outro profissional, considerado um programa que batia na prefeitura, na emissora considerada na época a de menor audiência. Em ambas as situações, os radialistas atribuíram a responsabilidade por seus destinos profissionais à exclusão promovida pela assessoria de comunicação da prefeitura por terem, no primeiro caso, envolvido um amigo do prefeito que se queixou e, no segundo, por ferir diretamente a imagem da administração municipal.

Esses dois casos revelam-se, ainda, como uma oportunidade para se entender o modo como pode operar uma das redes locais de relações pessoais e identificar aqueles que a compõem, bem como tornar mais evidente as implicações empíricas do significado de ser o maior anunciante dos meios de comunicação da região.

Evento 1 – Identidade Falsa

Roberto¹² me foi apresentado como um dos melhores radialistas atuando em Sobrado, tendo trabalhado em emissoras de rádio e televisão no Rio de Janeiro, alguém muito preparado. Disse para todos que passara os

11 A eficácia real dessa estratégia não importa nem será objeto de análise neste estudo. Tal observação só é significativa na medida em que configura uma determinada percepção dos acontecimentos. Para aprofundar o assunto, Motter (1994) explora a relação entre políticos e emissoras de rádio e televisão em seu trabalho sobre concessões de licença para operação no governo Sarney.

últimos tempos viajando muito para montar rádios pelo país, pois fazia parte de uma equipe ligada à Rede Manchete. Dizia orgulhar-se de ter participado de um famoso programa na tevê de reportagem investigativa, o Documento Especial. Com poucos meses em uma emissora de Sobrado, além de trabalhar como repórter, acumulou o comando de um programa noturno na rádio e a apresentação de um jornalístico de manhã ao lado do coordenador de programação, com quem também dividia essa tarefa. Com o acúmulo de funções passou a reclamar da falta de tempo para dormir e da baixa remuneração, solicitando um aumento ao dono da emissora e recusando-se a fazer o programa noturno. Alguns – e ele próprio – dizem que ele se demitiu, outros afirmam que foi demitido.

No dia em que ocorreu seu desligamento da empresa, cheguei na porta da rádio e me surpreendi com os radialistas na parte de fora. Perguntei o que estava acontecendo e todos olharam para cima, em direção à janela da sala do dono, no segundo andar, dizendo que ele estava reunido com o radialista e a cada momento chamava um para conversar particularmente. Ninguém quis me explicar exatamente o que estava acontecendo. O máximo que ouvi de um radialista foi que estavam sendo feitos ajustes. Logo depois, Roberto desce as escadas visivelmente nervoso, diz para esse radialista que não teve jeito, e sai andando. Fui atrás e ele me contou o que acon-

teceu – a briga entre eles – e a demissão. Voltei para a emissora, mas ninguém quis comentar o assunto. A única coisa que escutei foi que ele não teve cabeça para lidar com o dono.

Continuei mantendo contatos esporádicos com Roberto, que eventualmente me pedia uma opinião sobre projetos futuros e possibilidades reais de trabalho – fazer uma revista patrocinada pela prefeitura, trabalhar em uma emissora de televisão da cidade vizinha, voltar ao Rio. Cerca de um mês depois do ocorrido, ele me liga dizendo que precisa conversar comigo sobre algo que estava acontecendo. Em sua casa, me conta que nunca imaginou que a assessoria de comunicação da prefeitura tivesse tanta força. Disse que ao chegar para acertar os detalhes com a pessoa responsável pela nova revista patrocinada pela prefeitura, ela teria pedido uma confirmação de que ele era de fato quem dizia ser. Ao procurar a emissora de televisão, a pessoa que a atendeu dissera que não podia dar o emprego a ele pois não o conhecia. Ele me disse, então, que procurou descobrir o que estava se passando e alguns amigos confidenciaram que o dono da emissora teria, naquele mesmo dia da briga, telefonado para a assessoria de comunicação e se queixado do ocorrido, tecendo dúvidas sobre quem Roberto seria na verdade.

Pouco tempo depois disso, Roberto se mudou do município. E na emissora, as pessoas passaram a falar mais abertamente do caso, quase

sempre em tom de fofoca e tecendo comentários irônicos que questionavam não somente a identidade de radialista de Roberto como também outros fatos de sua vida - colocando em dúvida, por exemplo, a existência ou não de uma namorada local e uma ex-mulher estrangeira.

O fato de Roberto ser do Rio de Janeiro, há pouco tempo trabalhando no meio profissional local, fez com que, a um primeiro sinal de discordância com um determinado ethos de radialista – que inclui submeter-se às condições de trabalho existentes, como acumular tarefas sem receber pagamento correspondente –, ele pudesse ser percebido como um outsider, no sentido atribuído por Elias (2000).

Ao contrário de outros radialistas estabelecidos, mais antigos, que ocupam uma posição na rede de relações construída a partir de laços sociais que combinam tradição, autoridade e influência, Roberto representava, sob uma determinada ótica, uma ameaça aos valores e percepções da rede sobre o que é ser radialista naquele local. Tal visão – compartilhada por seus pares profissionais e por outros indivíduos que compõem essa rede, como os políticos e outros profissionais de imprensa na região –, se refletiu, no plano concreto, no que ele chamou de portas fechadas.

Como toda rede baseada em relações de poder, status e prestígio social é composta por elementos que ocupam posições diferentes e

Roberto
representava,
sob uma
determinada
ótica, uma
ameaça aos
valores e
percepções
da rede sobre
o que é ser
radialista
naquele local

hierarquizadas, o recurso à assessoria de comunicação da prefeitura para a resolução de uma questão aparentemente interna à emissora deixou evidente o lugar que ela ocupa nessa hierarquia, além de ter revelado a própria configuração da rede, ou seja, de quem faz ou não parte dela. Negar uma orientação dada pela assessoria de comunicação poderia significar excluir-se, deixar de pertencer a essa rede de relações.

Evento 2 – Marretadas na Prefeitura

Ao entrevistar um diretor de uma das rádios locais, durante o período eleitoral, ele diz que, ao contrário das demais, a emissora não tem partidarismo, que todos os prefeitáveis passam por lá. “A parceria com a prefeitura é comercial”. Mas diz também, em seguida, que um radialista a quem os colegas atribuem a qualificação polêmica, “tirará umas férias de dois meses, porque tem recebido muita reclamação da prefeitura sobre o programa dele, às 6 da manhã”. Segundo ele, a prefeitura dava para a emissora, considerada a de menos audiência na cidade, cerca de R\$ 5 mil¹³ por mês, e ele não podia correr o risco de perder seu principal anunciante. As férias temporárias se transformaram em permanentes, e o programa saiu do ar definitivamente. O radialista manteve apenas seu programa na tevê, de estilo parecido com o que fazia na rádio, só que ele pegava menos pesado, batia menos,

como ele me disse, por que era televisão.

O programa no rádio contava com a apresentação do radialista e a produção de uma pessoa que ajudava a colher depoimentos da população com críticas à administração municipal, a tudo que estava errado e ruim no município. Além de uma locução com tom de denúncia, eram colocados no ar sons de galinha e marretadas – marca registrada de seu estilo – toda vez que uma crítica era feita. Esses elementos davam o clima do programa, considerado por ele próprio como um serviço de utilidade pública¹⁴. De acordo com o diretor, ele possuía grande audiência, mesmo quando foi transferido, por pressões políticas anteriores, do horário nobre das 12 horas para o morto das 6 da manhã.

Neste caso, o instrumento de exclusão passa pela retirada de anúncio da prefeitura na programação da emissora. Mais do que significar uma perda financeira, deixar de ganhar a cota comercial no final do mês pode ser interpretado como deixar de interagir com o atual grupo político no poder. Sendo assim, pode-se dizer que antes de ser um instrumento de pressão econômica sobre o meio de rádio, os anúncios e toda a negociação que os envolve são instrumentos de pressão simbólica utilizados para definir e redefinir cotidianamente o pertencimento ou não a essa rede de relações estabelecida.

Diferentemente do primeiro caso apresentado, o radialista possui um nome e pertence a uma

outra rede local de relações que se opõe àquela da qual faz parte o grupo do prefeito. Assim, no episódio, a consequência mais direta foi a restrição de circulação profissional e, no plano simbólico, uma explicitação de exclusão que empiricamente já era percebida até mesmo em sua classificação de polêmico, de difícil. Ter um nome, ser alguém, no contexto das várias redes de relações que compõem o que pode ser entendido como o universo social local, é que faz a diferença entre ser um estabelecido ou um outsider.

Os casos tomados para discussão foram amplamente comentados pelo meio de rádio. Geralmente além dos acontecimentos relatados pelos radialistas em suas várias versões, de modo geral eram acrescentados impressões e posicionamentos particulares frente esses fatos. Assim, nos círculos de conversas informais em que eles eram os temas, foi possível perceber alguns valores compartilhados pelo grupo e as práticas sociais correspondentes a eles.

Na dinâmica diária das relações interpessoais, radialistas e aqueles identificados como políticos desenvolvem uma espécie de jogo onde seus participantes calculam seus movimentos e os dos outros¹⁵. Assim, mesmo na rádio do prefeito, uma prática comum é um comunicador – seguindo ou não instruções do dono da emissora – começar a fazer críticas mais agudas sobre a atuação de uma secretaria ou a um serviço mal-prestado de sua alçada (falta de asfaltamento, sujeira, aten-

13 Não consegui descobrir com precisão quanto a prefeitura gasta com veículos de comunicação por mês. Ao serem perguntadas, pessoas da assessoria de comunicação e do meio jornalístico falaram de valores que variam entre 100 e 250 mil reais. Segundo o dono de uma das emissoras, a que recebe mais, sua cota mensal é de 15 mil reais, em 2002.

14 Sobre esse conceito, bem como o de denúncia, ver também Chagas 1993.

dimento ruim no hospital municipal, etc.) com a intenção de estimular uma resposta da administração municipal, que, de modo geral, significa aumentar o valor da cota comercial à emissora ou do pagamento individual ao radialista.

Em direção contrária, a prefeitura faz um julgamento daquela situação específica, avaliando quem está fazendo críticas, em que contexto e em que tom, sobre quem ou o que se está falando. Sua reação pode ser o aumento da cota, mas pode ser também a ameaça de retirada da mesma, ou a indiferença. Quando essas duas últimas respostas ocorrem, há uma percepção coletiva nas emissoras de que a rádio ou o profissional perdeu prestígio em relação a um passado que não era assim, ou que aquele secretário já não tem tanta força junto ao prefeito.

Por sua vez, em movimento de volta, a reação municipal gera uma contra-resposta, que também envolve um cálculo, na qual pode-se intensificar ainda mais as críticas, amenizá-las ou suprimi-las. Cabe ressaltar que tudo isso é percebido tanto pelo conteúdo do que se diz no ar quanto na forma como se diz. Quase sempre os programas em que isso ocorre são os de maiores audiências, aqueles que se sabe estarem sendo ouvidos por representantes da prefeitura.

Os limites do jogo são sempre dados pela possibilidade de rompimento da relação. Quando um dos “lados” percebe a probabilidade de cisão, recua. Por isso, salvo a emissora que está nas

mãos de um opositor político, o prefeito é sempre preservado de críticas pessoais diretas. Ao proceder desse modo, está garantida a margem de negociação, ou seja, a possibilidade de manutenção da relação, do pertencimento àquela rede de relações - e tudo o que fazer parte significa: ter acesso a bens materiais, a pedidos atendidos, a prestígio social, possibilidade de trabalho durante campanha eleitoral ou de apresentação de candidatura, entre outros.

Emissoras evangélicas

Sobrado possui duas emissoras evangélicas, que pertencem à IURD e ocupam um mesmo prédio. Do ponto de vista financeiro, parte da receita advém dos anunciantes (incluindo a prefeitura, mas sua participação não é majoritária) mas é sustentada principalmente pelo próprio grupo religioso. Na FM, um funcionário é responsável pela monitoração do digirádio¹⁶, equipamento que controla a transmissão via satélite dos programas da rede nacional do grupo. Nada é gerado localmente. Já na AM, ocorre uma alternância entre programas religiosos (65% da programação) e populares. Os religiosos são comandados por pastores e os populares por radialistas mais antigos com um nome, que não pertencem necessariamente à igreja (apesar de freqüentarem de vez em quando os cultos) e são membros da diretoria do sindicato da categoria (o que impede a demissão durante o mandato).

15 Para uma discussão maior sobre a idéia de jogo, ver Goffman 1975.

Em âmbito interno, há claramente uma separação entre os pastores e os que não são da igreja. Ocorre, porém, uma gradação hierárquica de prestígio e status entre os profissionais: em sentido descendente, pastores, obreiros, fiéis e os que não possuem aquela religião. Os não fiéis estão sempre sendo vigiados pelos da igreja, segundo um radialista laico. Suas condutas fora da emissora também são sempre avaliadas. Os casados não podem ser adúlteros e estar envolvidos em algum negócio ilegal – isso vale para todos os funcionários. Na programação da rádio, músicas de apelo erótico são proibidas de serem executadas. As normas profissionais são estabelecidas seguindo orientações religiosas.

Todos os funcionários que não são da igreja são percebidos como outsiders, em um determinado nível (por não terem a mesma religião), mas estabelecidos, em outro (pois trabalham em uma mesma empresa). A ocupação de um ou outro lugar (dentro ou fora) da rede de relações depende do ponto de referência que se está adotando em situações específicas. Minha entrada nas emissoras para fazer pesquisa foi reveladora nesse sentido.

Evento 3 – Repórter da Globo Disfarçada

Logo no início, apesar de eu ter me apresentado como uma pesquisadora do Rio de Janeiro, mas sem ter conseguido mostrar minha credencial, e de ter sido autorizada minha entrada na empresa

para entrevistar alguns radialistas, estranhei o fato de quase todo entrevistado que não era da igreja querer conversar comigo em salas de portas abertas e olhar continuamente para os lados verificando se vinha alguém. Não raro, toda vez que eu parava para conversar informalmente no corredor, alguns obreiros-funcionários ficavam passando, sem nenhum motivo aparente. O clima era o que os radialistas laicos chamavam de paranóia, com as pessoas parecendo estar com medo de falar comigo ou simplesmente estar junto.

Certo dia, um radialista me chamou em um canto, assim que cheguei, e perguntou se eu havia falado com o diretor e mostrado minha credencial. Respondi que havia tentado inúmeras vezes, mas que a recepcionista sempre dizia o pastor [nome] está muito ocupado. Meu amigo me contou então que a recepcionista (os olhos do pastor aqui dentro) telefonara para vários funcionários dizendo que a ordem do diretor era que ninguém deveria me fornecer nenhum tipo de informação interna. E que eu podia ser uma repórter da (emissora de televisão) Globo disfarçada¹⁷.

Para tentar desfazer essa situação, meu amigo radialista disse que era para eu chegar poucos minutos antes das 12 horas, horário de entrada do diretor, na recepção, que coincidiria com a chegada de meu amigo também. O plano era que nós fôssemos formalmente apresentados e eu pudesse mostrar minha credencial e

16 Para um acompanhamento detalhado sobre a tecnologia relativa ao rádio, ver Moreira 2002. Segundo a autora, com a possibilidade de transmissão de dados via satélite grandes grupos, entre os quais as igrejas evangélicas, passaram a utilizar o recurso ajudando a formação de redes nacionais de comunicação.

falar da minha pesquisa. Feito isso, o boato foi desfeito.

Esse acontecimento deixou claro que a pessoa de fora era eu, em contraposição aos de dentro, que eram indistintamente os funcionários da emissora. Mas no cotidiano, tendo minha presença como referência, a segmentação interna podia ser percebida tanto no fato de somente as pessoas que não eram da igreja virem falar quanto na atitude de meus interlocutores ao conversarem comigo, apreensivos de parecerem estar conspirando contra a direção e, mais ainda, contra a igreja. Uma fofoca feita por um obreiro ganhava contornos de verdade e poderia causar uma demissão ou outro tipo de sanção (mudança de horário de trabalho ou de função, por exemplo).

O reflexo desse clima paranóico nas emissoras evangélicas locais afeta as atividades dos profissionais no ar, que tinham sempre que estar atentos às normas: não falar palavrões, não abordar determinados assuntos ou abordar sempre alguns outros, não tocar músicas de determinado tipo ou contendo algumas palavras específicas, não receber ouvintes no estúdio, não ficar de conversas no corredor, entre outras instruções, formais e informais.

Um outro fator importante para a análise diz respeito à constante mudança de direção dessas empresas. Ocorre permanentemente um rodízio entre pessoas que ocupam o cargo de

diretor. Indicados pelo grupo religioso, de acordo com os funcionários, cada um tem uma forma de trabalhar e se relacionar com seus subordinados. Desse modo, essa sensação de perseguição e controle pode variar em intensidade dependendo de quem está à frente das emissoras. Todos, porém, seguem as normas mais gerais estabelecidas pela IURD para todas as suas emissoras no país.

Apesar das queixas constantes, e de depoimentos que indicam uma certa sensação de sufoco no ambiente de trabalho, quase ninguém quer deixar de trabalhar lá. O que todos dizem é que as emissoras evangélicas eram as únicas a pagar certinho, em dia, as que possuíam melhores equipamentos e estúdios. E se o funcionário se convertesse ou virasse obreiro, poderia ter acesso a algumas regalias, como ter o aluguel pago ou direito a plano de saúde, e ser promovido, dependendo do cargo ocupado. Desenvolver boas relações com a recepcionista ou outro membro da igreja era uma outra estratégia adotada para aumentar o prestígio junto ao diretor, e assim ter uma chance maior de subir algumas posições nessa rede de relações em que circuitos religiosos e profissionais se confundem.

Considerações finais

Bordenave (1988:73-74) afirma que o baixo custo, a tecnologia de complexidade relativamente manejável por leigos, e a intimidade da recepção fazem do rádio um meio universalmente

17 Há algum tempo anterior ao ocorrido, uma série de reportagens sobre a IURD fora ao ar, desagradando à alta cúpula da Igreja.

utilizado, possuindo um caráter comunitário¹⁸. Os radialistas que prestam esse serviço comunitário, contudo, crêem que seu papel como comunicador é transmitir o que está faltando ou está errado e cobrar ou pedir providência para a resolução dos problemas, obedecendo, talvez, ao um certo ideal romântico da profissão (LAGO 2003). Acreditam funcionar como intermediários entre as autoridades e a população, servindo como uma ponte entre um e outro lado da vida social, política e econômica do município.

Esse sentimento de estar cumprindo uma espécie de missão combina-se com uma série de restrições e características locais impostas pelas condições de trabalho mais gerais dos meios de comunicação de Sobrado e das condições particulares a cada empresa radiofônica. Os radialistas sentem-se limitados por instruções veladas ou explícitas, expectativas de ações e condutas, e pressões para aderirem a preceitos políticos e religiosos. Se submetem a essas condições porque encaram a profissão como um meio de subsistência, em um sentido, mas também devido a um certo fascínio que a notoriedade traz e às possibilidades de acesso a pessoas de prestígio e poder no município. Os profissionais em atividade ou fora do mercado de trabalho de Sobrado dizem que rádio é uma cachaça.

Se, por um lado, os radialistas têm consciência do poder de difusão da palavra que possuem e o interesse que isso provoca no universo social em

que estão inseridos, por outro são conscientes também da submissão a uma série de sanções e restrições por parte dos donos de emissoras, políticos e anunciantes, das condições de trabalho e da legislação de radiodifusão. É no espaço formado pela área existente entre uma e outra percepção, que os profissionais conseguem mover-se.

No plano concreto, essa relativa mobilidade se reflete em ter mais liberdade para falar ou se comportar no ar, em períodos de menor controle (fora do tempo de eleições, em relação à política, ou sob o comando de um diretor menos vigilante, no caso das emissoras religiosas) ou adquirir um determinado patamar de prestígio social, um nome, que permita ter um capital simbólico maior na interação com os agentes sociais, permitindo a ocupação de posições de destaque nas diversas redes de relações pessoais que constituem a vida social de Sobrado.

18 Em 1993, segundo FRANZIN (1993: 14), existiam no país 160 programas de rádio dos sindicatos rurais. De acordo com o então presidente da Contag (confederação de trabalhadores rurais), citado pelo autor, a impossibilidade de atingir a grande mídia faz com que se atinja “as bases usando o rádio”.

Referências Bibliográficas

- BARBEIRO, Heródoto. 1994. "O Radiojornalismo Renovado". In: Sheila Kaplan e Sidney Rezende (orgs.), *Jornalismo Eletrônico ao Vivo* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- BECKER, Howard S. e STRAUSS, Anselm. 1970. "Careers, Personality and Adult Socialization". In: *The Sociological Work: Method and Substance*. Chicago: Aldine.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. 1988. *O Que é Comunicação Rural*. (3ª ed). São Paulo: Brasiliense.
- CHAGAS, Miriam de Fátima. 1993. *Uma Mão Lava a Outra: A Interação de Grupos Populares com a Rádio Farroupilha*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- CHAMPAGNE, Patrick. 1984. "La Manifestation. La Production de L'Événement Politique". *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, 52-53.
- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L 2000. *Os Estabelecidos e Os Outsiders. Sociologia das Relações de Poder a Partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FRANZIN, João. 1993. "Imprensa Sindical. Uma Alternativa de 20 milhões de Exemplares", *Revista da Comunicação*, ano 9, n. 33, agosto de 1993, pp. 12-15.
- GOFFMAN, Erving. 1975. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- GOMES, Wilson. 1991. "Fato e Interesse: o Fato Jornalístico como Problema". *Textos de Cultura e Comunicação*, 2 (26).
- HACKETT, Robert. 1993 [1984]. "Declínio de um Paradigma? A Parcialidade nos Estudos dos Media Noticiosos". In: Nelson Traquina (org.), *Jornalismo, Questões, Teorias e Estórias*. Lisboa: Vega.
- LAGE, Nilson. 1979. *Ideologia e Técnica de Notícia*. Petrópolis: Vozes.
- LAGO, Cláudia. 2003. "Reflexões sobre Antropologia e Comunicação: o ethos romântico do jornalismo, enquanto um estudo de caso". In: Isabel Travancas e Patrícia Farias (Orgs.), *Antropologia e Comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 1986 – *O Capital da Notícia: Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza*. São Paulo: Ática.
- MAUSS, Marcell. 1974. "Ensaio Sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas". In: *Sociologia e Antropologia*, vol.II. São Paulo: Edusp.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. 2002. *Rádio em Transição. Tecnologias e Leis nos Estados Unidos e no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil Palavras.
- ORTRIWANO, Gisela. 1985. *A Informação no Rádio*. São Paulo: Ática.
- RORTY, Richard. 1985. "Solidarity or Objectivity". In: John Rawls and Cornel West (eds.), *Post-Analytic Philosophy*. New York: Columbia University Press.
- SCHUDSON, Michael. 1978. *Discovering the News. A Social History of American Newspapers*. Chicago: Basic Books.
- TUCHMAN, Gaye. 1978. *Making News: A Study in the Construction of Reality*. New York: Free Press.